

PAULO FREIRE

O Professor Universitário Como Educador

No MOMENTO EM QUE O HOMEM, discernindo o tempo, conseguiu "atravessá-lo", jogando para um passado até então incorporado a seu presente quase eterno, grande parte das forças mágicas, atuantes, que o comandavam, deu um passo decisivo na história da cultura. Iniciou-se aí, em termos de ensaios tímidos, a sua individualização. E enraizou-se nesta, a sua atividade docente.

Esta atividade docente, de que jamais se afastou é um dado de sua própria existência. Ela está essencialmente ligada à sua qualidade espiritual, que o faz um ser capaz de discernir e transcender. Que o faz capaz de relações com o seu mundo, de que decorre o acrescentamento que lhe traz.

É este acrescentamento, manifestação de seu espírito criador, de sua possibilidade de inventar e reinventar, que o leva a projetar-se num domínio exclusivamente seu — o da História e o da Cultura.

Aí é que êle se distingue precisamente do outro animal, que na verdade nada acrescenta a seu mundo. É que o outro animal "está apenas no mundo" e não "com o mundo".

Dáí que os seus contactos com o mundo não sejam propriamente *relações*, que implicam em incorporações conscientes, em respostas plurais. Em integração e não apenas em acomodação ou simples ajustamento.

Não importa aqui discutirmos as variações que no tempo e no espaço, a partir daqueles ensaios primitivos da atividade docente, tenha ela apresentado. O que nos importa nestas considerações preliminares é sub-

linhar a atitude puramente humana desta atividade. É o seu empenho em preservar e transmitir a experiência criadora do homem — seu acrescentamento ao mundo. Na medida, porém, em que esta experiência criadora do homem é transmitida sistematicamente, deve êste esforço de transmissão, precisamente porque humano e portanto espiritual, ser também formador e não simples e puramente informador ou catalogador.

Tôda vez que a atividade docente se tem perdido em formalismo tem comprometido a essência mesma da comunicação humana. Na verdade, a atividade docente há de ser, sob pena de trair a "abertura" ontológica do homem, eminentemente comunicativa. Se perde o sentido de comunicação e se reduz a comunicados (1), perde igualmente a atividade docente a significação formadora que a natureza humana lhe reclama. Contradiz a força espiritualmente criadora do homem, que o distingue totalmente do outro animal. A atividade docente que não comunica e que não seja em si mesma uma forma também criadora e recriadora tende a estagnar-se pela sua inautenticidade.

Pode parecer, a partir destas considerações, uma contradição o título do artigo que ensaiamos escrever. Na verdade, ao se falar de atividade docente, seja ela do professor universitário — o que é o nosso caso — do médio ou do primário, estará implícita a sua ação educadora. Isto é o que se surpreende da análise da essência desta atividade. Determinadas condições históricas, econômicas, culturais de modo geral, em tempos e espa-

ços diversos, têm comprometido a essência formadora desta atividade e a têm por isso mesmo, reduzido a procedimentos agressivamente formais.

Esta e outras manifestações do agir humano não podem por isso mesmo ser vistas sem uma análise das condições consubstanciadas no clima cultural próprio em que se realizam. Daí a necessidade — a urgência mesma — da análise de algumas destas condições culturais no hoje brasileiro, ao discutirmos o papel do professor universitário como educador.

Hoje, mais do que ontem, a sociedade brasileira reclama de seu professor universitário sua identificação com o educador.

O professor se faz educador autêntico na medida em que é fiel a seu tempo e a seu espaço. Sem esta fidelidade, mesmo bem intencionado, se compromete sua atividade formadora. É que não pode haver formação do educando se o conteúdo da formação não se identifica com o clima geral do contexto a que se aplica. Seria antes uma deformação.

Isto nos leva à discussão dos contrastes entre valores de certa cultura e valores essencialmente humanos — universais. Como tôda antinomia educativa, esta não é conciliável. Não se verificou esta conciliação com o transplante feito pelos jesuitas de uma educação que, na Europa, respondia aos desafios de uma sociedade post-renascentista, para uma sociedade como a nossa de então, escravocrata, latifundiária, sem classe média, sem vida, sem vida urbana, sem diálogo.

Somos uma sociedade que, transitando acerbamente de forma "fechada" para forma "aberta" apresenta um jôgo de contradições. Estas contradições se aprofundam na medida em que a sociedade brasileira, captando novos temas, equacionando problemas, tentando a sua solução, vai buscando a superação dos temas passados. Vivemos exatamente a passagem de uma época para outra. Assistimos, às vêzes atônitos e ingênuos, ao choque de que participamos também, entre o "velho" que pretende preservar-se e o "nôvo" em luta por se afirmar. Daí a existência, no hoje da passagem, de algo que, estando *nela* não é propriamente *dela* e por isso não se adequa a seus temas, ao lado de algo que não está apenas

na passagem, mas é *dela* e por isso adequado a seus temas.

Esta adequação ou inadequação aos temas implica necessariamente numa integração ou numa não-integração com os anseios naturais e próprios da época. Numa posição orgânica ou inorgânica. Numa fidelidade ou infidelidade à época.

Uma das notas fundamentais da sociedade brasileira que transita é exatamente a democratização fundamental em que nos inserimos.

Com ela, a emersão do povo na vida política nacional. A tomada de consciência de nossos mais agudos problemas. Nela e ao lado dela, nossa desalienação cultural — a nossa ânsia de nos vermos a nós próprios, de nos conhecermos, de assumirmos o papel de "sujeito de nossos pensamentos", a renúncia à posição de objeto.

É exatamente esta democratização fundamental que abrindo-se em leque, leva a sociedade que dela se nutre, à democratização política, à social, à econômica e à cultural.

Não há porém democratização fundamental que, instalando-se em sociedade fechada, ponto de partida de trânsito ou da passagem de uma época para outra, que não ponha em relêvo posições inatuais pela sua inadequacidade com os novos anseios. Por outro lado, é a própria democratização, que se inicia em aprendizado, que exige a ênfase de uma educação para a criticidade. De uma educação para a responsabilidade social e política. O processo de democratização repele como inorgânica tôda educação assintencionalizadora. Tôda educação que não seja essencial e humildemente dialogal, pois, somente esta, enraizando-se numa matriz racional e gerando razão responde à essência da democratização. Não que o diálogo democrático, nascente da razão e gerador de razão, somente com o qual exercitamos a nossa capacidade decisória, deva converter-se numa forma anti-espiritual de negação da fé. "Minha insistência em que nós é que fazemos as decisões e carregamos a responsabilidade, diz Popper que não deve ser tomada como implicando em que não possamos ou não devamos ser auxiliados pela fé ou inspirados pela tradição ou pelos grandes exemplo" (2).

"O que chamo de verdadeiro, continua,

é o racionalismo de Sócrates. É a consciência das próprias limitações, a modéstia intelectual dos que sabem quantas vezes erram e quanto dependem dos outros, até para esse conhecimento" (3).

O professor de quem a sociedade brasileira precisa no hoje de seu trânsito há de ser aquele que jamais traia a sua missão de educador da juventude. Há de ser aquele que jamais se deleite com sua "sabedoria", às vezes inautenticamente livresca, apresentada em aulas que funcionam quase como se fôsem cantigas de ninar. O seu papel há de ser outro. E não há tempo a perder numa opção a ser feita: ou se insere criticamente no trânsito de sua sociedade e se faz um mestre *do* momento, ou permanece ingênuo, como professor *no* momento. Ou adere ao diálogo criador e comunica ou se minimiza como simples veículo de ingênuos e inoperantes comunicados. Ou se julga humildemente um companheiro de seu estudante, a quem ajuda a ajudar-se na busca de conhecimento, com quem também busca esse conhecimento ou corre o risco de seu esvaziamento. Um professor no momento, raramente sai do óbvio e se arrisca numa aventura intelectual. Teme o novo. Escleroso-se em temas e estilos superados. Assusta-se com a rebeldia do jovem, em que vê sistematicamente a desordem. Sua insistência em viver apenas no momento sem se integrar nele e se fazer dele, não o permite perceber os fundamentos desta rebeldia. Rebeldia que antes devia aparecer-lhe como um desafio a exigir-lhe resposta adequada. Resposta formadora, resultante da análise da própria rebeldia, a ser feita por ele e seus alunos. No momento mesmo em que se iniciasse esta análise se começaria a conscientização do problema e se marcharia para a sua exata compreensão. Mais uma vez, caímos na única atitude, para nós legítima do professor que seja um mestre *do* momento nacional: a do diálogo, a da criticidade. Seria talvez óbvio falar-se do perigo que corremos numa sociedade desalienanda, por isso mesmo em busca de criações autênticas, de nos assustarmos com elaboração criadora que, rompendo a rotina, alimente uma sã "aventura do espírito".

Um professor universitário que não corra esse risco ou que se assuste com quem o corra

"está fadado a morrer de frio", pois, somente no exercício de sua atividade espiritualmente criadora e recriadora pode o homem aquecer-se e sobreviver intelectualmente. As universidades brasileiras cumprirão sua fundamental missão na medida em que seus professores nos integremos às novas condições do país e nos tornemos na verdade o que devemos ser: educadores e não transmissores de comunicados.

Se cabe à universidade a formação de elites, estas têm de estar em consonância com o seu momento. Têm de ser formadas com a suficiente capacidade de crítica de que resulte a possibilidade de reconhecimento do que há de autêntico e inautêntico, de valor e desvalor no jogo das contradições profundas que caracterizam a nossa atualidade. Não será então com a mera transferência de fórmulas passadas, com a insistência em doações intelectuais, que prepararemos uma juventude que é "do trânsito". Mas, com a formação de atitudes adequadas ao "otimismo crítico" de uma sociedade desalienanda, de que decorre uma nota de esperança fundada no conhecimento crítico das situações dramaticamente problemáticas.

A formação e o exercício desta atitude estão a exigir que se encontre no professor universitário o educador lúcido, responsável e humilde, de quem precisamos hoje mais do que nunca. Estão a exigir da Universidade uma crescente e corajosa abertura a seu mundo para que se faça uma instituição autêntica de seu tempo. Para que, preocupando-se real e verdadeiramente com o universal, não se sinta em contradição ao se preocupar com o local regional. Não somos pessimistas quanto à generalização do professor-educador na universidade brasileira. Quanto à preponderância de professores "do trânsito". A Universidade de Brasília é um testemunho.

A Revista *Estudos Universitários*, para que escrevemos este artigo, pela sua abertura ao diálogo, pela sua linha de integração ao novo clima cultural do país, pelas suas formulações, constitui, ao lado de outros exemplos, uma busca de autêntico em que se empenha a Universidade do Recife.

1) "Sem diálogo, forma autêntica de "comunicação", não há criticidade, fundamento da "integração". É na comunicação que se exercita a própria criticidade. (Jaspers). A comunicação que não venha da razão e não provoque

razão é mero "comunicado", imposto ou doado. É domesticação. Por isso é que a comunicação só é verdadeira quando há interação dos polos que se "simpatizam" através do objeto da comunicação. Aí existe racionalidade e o homem não se domestica. Na compulsão, ditado — ou na simples doação, inexistente a interação. Um dos polos se apropria do objeto da comunicação e, negando possibilidade ao outro para seu "tratamento" deixa-o passivo e "acomodado". Domesticado. No "ditado" ou na doação de que resulta o comunicado — se estimula a irracio-

nalidade. A acomodação. No diálogo, a racionalidade, com que o homem se humaniza".

Freire, Paulo — Escola Primária para o Brasil — in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos vol. XXXI — n.º 82 — 1961 — pág. 17.

2) Popper, Karl, A sociedade democrática e seus inimigos, Itatiaia — B. Horizonte, pág. 82.
3) idem, pág. 450.

RÉSUMÉ

L'activité d'enseigner, donnée essentielle de l'existence humaine, a commencé au moment même où l'homme est devenu un individu, c'est à dire, à partir du moment où une dimension spirituelle apparaît en lui et il devient capable de discerner et de surmonter son monde.

D'où une première conclusion: étant cette activité intrinsèquement liée à la dimension spirituelle de l'homme, elle n'est pas réalisée quand on lui donne un caractère de simple information et non une fonction formative. D'où, comme un corollaire, l'activité d'enseigner perd son sens quand elle devient formaliste.

S'il est évident, abstraitement parlant, que tout professeur doit être un éducateur, des circonstances historiques, économiques et culturelles ont mis en échec cette équation, à des époques et en des lieux différents, le professeur devenant plutôt un formaliste.

Une deuxième conclusion à propos du rôle du professeur universitaire brésilien comme éducateur: il faut considérer les conditions de notre époque qui détermineront le caractère de ce rôle, s'il sera authentique ou s'il sera formaliste.

Un regard historique sur la société brésilienne nous mène à cette conclusion: elle a connu en profondeur la dissociation dont nous parlons. Cependant, au moment où la société brésilienne, auparavant "fermée", est en transition vers une forme "ouverte" de société, il est urgent d'identifier le professeur universitaire et l'éducateur, sous peine de mettre en échec cette transition. Cette intégration ne réussira pas si le professeur universitaire ne comprend pas les causes

qui entraînent la rupture des structures traditionnelles, et s'il n'est pas critique ouvert aux changements en cours. L'identification dont nous parlons ne sera pas accomplie que si le professeur aime dialoguer avec ses élèves et fait de son métier une pratique du dialogue, ce qui conduira à la démocratisation fondamentale du pays.

Au moment actuel les professeurs sont divisés en deux groupes: ceux qui rejettent et ceux qui acceptent cette position. Les premiers sont dans l'époque de transition, dont nous avons parlé, parce qu'ils ne peuvent pas être dehors. Les autres sont liés idéologiquement à cette époque de transition, ils sont les professeurs de la transition nationale, qui veulent bâtir une société ouverte. Nous voyons une division nette de ces deux groupes dans leur position vis à vis de la rébellion de la jeunesse brésilienne. Les premiers n'y voient que du désordre systématique, sans essayer d'étudier les sources de cette rébellion, afin de pouvoir lui donner une direction critique. Le second groupe accepte cette fonction d'orientation.

Une dernière conclusion: l'Université brésilienne ne remplira pas sa mission qu'en formant des professeurs-éducateurs. Autrement, les cadres dont la formation lui appartient, n'étant pas capables d'engendrer une conscience adaptée au moment actuel du pays, perdront une direction indûment détenue. Ainsi l'Université brésilienne ne pourra subsister qu'en formant des professeurs "de la transition", au sens expliqué ci-dessus.

ABSTRACT

Teaching activity, an essential trait of human existence, started right at the moment when man became an individual. That is, from the time when a spiritual dimension took over his conscience, making thus possible an understanding of his world which he learned to transcend.

Thence a first conclusion: as an activity intrinsically tied up to this spiritual dimension of human beings, it will not take place if exerted as merely providing for information and not directed at the shaping up of a wholesome cultural character. As a corollary, it seems to follow from this that teaching activity will of necessity lose any sense whenever it is rendered formalistic.

It stems from this particular aspect the clearly obvious nature of the title given to this article. It happens however, that although

the teacher should be an educator prior to anything else, historical, economic and cultural conditions have somehow undermined this equation turning him into a formalist rather than one whose main job is to convey information. Hence a second conclusion: it should be born in mind, while discussing the rôle of the Brazilian university professor, the specific conditions of his time and environment, which are the determining factors of his behaviour, be it authentic or a purely formalistic one.

Close examination of Brazilian society, from a historical standpoint, leads us to infer that the dissociation between the university teacher and the educator has consistently been deeply rooted in our educational system. Now that our society changes rather rapidly from its former "closed" state to an "open" one, the identification of both of them is an ever

pressing need. Without it this changing process itself will be impaired. However, it will not take place if the university teacher does not have an open mind towards a greater understanding of the causes of breakdown of our traditional structures and also if he does not favour putting into action new ideas and new ways of doing things. This identification will be inevitably rendered unattainable unless teachers turn their office into some sort of dialogue in which both his personal conduct and the way he leads his students will definitely contribute to the democratization of the country.

Depending on whether he accepts or not this basic need for greater integration in a changing social structure, the university teacher in Brazil may have to choose to be among: a) those who *are in* this social transit merely because they cannot stop a historical process, and b) those who *make* this social transit, so to say, with their own hands precisely because they cannot help but doing this. So, Brazilian university teachers happen to be divided in these two groups, as far as the students revolutionary positions are

concerned. As a result, those in the former group regard these positions as something systematically anarchical, rather than viewing them as a challenge to the analysis of a social problem of a very concrete nature. They fail to lead the students to the right solutions to this problem, leaving thus this task to the teachers who place themselves in the latter group.

The final conclusion is then reached: Brazilian university can only accomplish its highest ideals if the teacher and the educator become one and the same person serving the purpose of interpreting Brazilian reality. Being its primary job the forming of the *élites*, once these fall short of bringing about a through understanding of present day national life due to their lack of a working critical attitude, they will increasingly tend to be displaced from their position of leadership which they unduly occupy.

Therefore, Brazilian university will only be able to survive to the extent in which it will be able to form teachers who are in the so-called "transit".

